

IDENTIDADES E PODER NOS GOVERNOS DE SEPTÍMIO SEVERO E CARACALA:
UMA RELEITURA DE HERODIANO E SEU RELATO DOS *ADVENTI*.¹

Cristiano Rodrigues de Souza²

cristianogmg@hotmail.com

UFG/FH – Faculdade de História

Palavras chave: identidades, poder, festas, Severos, Herodiano.

INTRODUÇÃO

Por que identidades?

Pedro Spinola Caldas é irrefutável, comprovando os dizeres de Horácio *ridentem dicere uerum quid uetat?*³

Tratada como apêndice, a teoria é pouco mais do que um adorno pesado – como se pensar no que se faz fosse um incômodo tão grande ao historiador que causaria uma dor semelhante àquela sentida em um músculo sedentário e raramente usado (2008:2).

É exatamente por isso que não começo este artigo elencando fatos e falando de fontes. A pergunta é simplesmente essa: por que a história se debruça sobre o tema “identidades”? Em seguida, abordarei outros dois conceitos fundamentais: o que podemos entender por “festas” no período em que abordamos e, em um segundo momento, o que são *adventi*. Entendo a teoria da história, então, em sua dupla função: fundamento e crítica (RÜSEN, 2001: 14-15).

Nas mídias informativas um tema sempre recorrente é a intolerância, o desrespeito ao estranho, a não-aceitação de outras formas de se perceber o mundo. Embora o discurso hegemônico seja o de respeito à esta diversidade o que observamos são disputas onde a diferença é vista como hierarquizante e antagônica. A questão fundamental parece então não somente propagar um discurso autoexplicativo, mas compreendermos de que forma as identidades se constituem dentro do processo histórico (SILVA, 2009:73).

A diversidade cultural implica em diferentes conflitos e, em seu processo de afirmação, a identidade sempre exige algum tipo de autenticação (WOODWARD, 2009:25).

Para compreender o que faz da identidade um conceito tão central, precisamos examinar as preocupações contemporâneas com questões de identidade em diferentes níveis. Na arena global (...) existem preocupações com as identidades

¹ Revisado pela orientadora: Professora Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves.

² Graduando vinculado ao projeto “Construindo identidades no Império Romano: as festas nos governos de Septímio Severo e Caracala” período 2010/11 - PIVIC.

³ “Que impede, a quem ri, dizer a verdade?” *Sermones*, I,1,24.

nacionais e com as identidades étnicas; em um contexto mais “local”, existem preocupações com a identidade pessoal como, por exemplo, com as relações pessoais e com a política sexual (...) Em que medida o que está acontecendo hoje no mundo sustenta o argumento de que existe uma crise de identidade e o que significa fazer uma tal afirmação? Isso implica examinar a forma como as identidades são formadas e os processos que estão aí envolvidos (WOODWARD, 2009: 16).

Segundo Guarinello (2006: 17) o Império Romano foi abordado na historiografia do século XX por diversos motivos e com diferentes intenções e implicações ideológicas. É sintomático notarmos que a história da historiografia evidencia o seu próprio dinamismo conforme não somente o desenvolvimento de seus métodos, mas também dos contextos específicos em que são construídas. Seguindo com Guarinello: “O Império Romano parece-nos hoje muito mais diversificado e heterogêneo do que nos parecia há 20 anos atrás (...) [e] nos permite, com efeito, pensar nossos próprios desafios contemporâneos” (idem).

Procurando compreender como estas identidades se apresentam no III século, notamos que este “outro”, tão diferente e tão parecido, reverbera de forma clara e evidente na compreensão de nós mesmos. O diálogo entre as experiências históricas do mundo antigo e o vivido pelo historiador pode ser rico e revelador (GUARINELLO, 2006: 18), mas somente na medida em que o historiador estiver disposto a entender a sua pesquisa histórica como produto de sua própria historicidade. Não se pode pensar historicamente enquanto a produção histórica não se amalgamar com o sujeito cognoscente, buscando como parâmetro ideal que esta distância entre sujeito e objeto inexista (RÜSEN, 2001: 26).

Festa: teatro da realidade ou subversão social?

Durval Muniz se intriga pela pouca atenção que durante muito tempo, seja na historiografia brasileira seja nos cientistas sociais, notou-se de dois temas: o carnaval e o futebol. Ele nos propõe uma explicação:

Isso talvez tenha ocorrido devido ao modo como a festa e o jogo foram comumente pensados na cultura ocidental, ou seja, como momentos à parte da vida cotidiana, como atividades sem finalidade, improdutivas, opostas à realidade, à seriedade da ordem social; como momentos de atividade voluntária, livre e desinteressada, fruto de atitudes gratuitas, que constituiriam momentos, tempos e espaços apartados da rotina, resultantes de situações ideais, situações artificiais, que não representariam o funcionamento das estruturas normais e fundamentais que dariam sustentação a uma determinada sociedade. A festa e o jogo, portanto, não fariam parte das estruturas nucleares e essenciais de uma dada cultura ou de um dado sistema social, sendo práticas consideradas de divertimento, de alienação ou de inversão da vida social regular (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004: 79).

Abordaremos “festa” entendendo-a como um campo repleto de significações onde se exprimem com intensidade as dimensões dos papéis sociais. Ana Teresa Marques Gonçalves especifica o tema em nosso recorte temporal:

No mundo romano, em várias ocasiões festivas vemos a estruturação de certas festividades que não se adequam a esta forma de conceituar “festas” [onde existe uma desordem social inerente à festividade]. Trata-se de festejos oficiais, nas quais as principais características são exatamente a manutenção da ordem, o reflexo de certas posições sociais previamente definidas, a afirmação de uma identidade e a construção de uma memória oficial e coletiva das festividades e da razão da comemoração (2008: 27).

Luciane Munhoz de Omena nos corrobora entendendo “festa” como um fenômeno social coletivo, portanto, da realidade social, expressando os conflitos, as tensões e as censuras que nos permitem relacioná-las às estruturas de poder, à política, à propaganda e às relações sociais (2009: 5). Enquanto uma representação cultural, as festas surgem como objeto privilegiado para se estudar a formação das identidades, pois estas adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas (WOODWARD, 2009: 8).

Norberto Guarinello, em seu artigo “*Festa, trabalho e cotidiano*” evidencia que a característica fundamentalmente coletiva inerente às festas não deve, no entanto, ser considerada como determinadora e/ou formadora de uma massa homogênea, em que as identidades e os diferentes papéis sociais desempenhados por estes sujeitos se subsumem. Pelo contrário, a festa é um espaço de trocas simbólicas onde se exerce, da mesma forma que em outras ações sociais coletivas, relações intrínsecas de busca pelo espaço, diferenciação e afirmação identitária:

Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. (...) o que chamamos de festa é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reiteração, produção e negociação das identidades sociais. Um lapso aberto no espaço e no tempo social, pelo qual circulam bens materiais, influência, poder. (...) A festa unifica, mas também diferencia, tanto interna quanto externamente. (...) A festa não apaga as diferenças, mas antes uni os diferentes. (...) Toda festa é (...) uma estrutura de poder (...) que se inscreve na memória coletiva e individual dos participantes. (GUARINELLO, 2001: 972-974).

Algumas festas romanas e o *adventus*⁴

⁴No plural, *adventi*.

Baseando-nos em Gonçalves, especificamente em seu artigo *As festas romanas* (2008), podemos elencar uma grande quantidade de festas pelos mais de 159 ou 182 dias do calendário romano destinado a tais comemorações. *Lupercalia*, *Parilia*, *Cerialia*, *Vinalia*, *Vestalia* e *Matralia*, *Volcanalia* e *Saturnalias* são algumas destas, todas vinculadas ao ciclo religioso. Temos também o ciclo das festas comunitárias: as cavalgadas, a corrida de sacos de *Robigalia*, corridas a pé ou de mula nas *Consualia*, concurso de pesca com vara do *Ludi piscatorii*, corrida de cavalos do *Equus october*, e os combates gladiatoriais de *Ludi Martiales*. O ciclo militar com as Sálidas, os sacrifícios a Castor e Pólux e os jogos gladiatoriais e outros sacrifícios no mês de outubro. Além destes três ciclos festivos, temos os Triunfos, os quais celebram as vitórias dos generais fora das muralhas de Roma, os funerais públicos, os Jogos Seculares, as *decennalias* (comemoração pelo aniversário de dez anos no poder dos imperadores), os *dies natalis*, *dies imperii* e muitas outras que variam desde o recorte temporal abordado ou mesmo geográfico ao qual se referencia.

Segundo Sabine MacCormack em seu artigo *Change and Continuity in Late Antiquity: the Ceremony of Adventus*, ao menos no mundo antigo a cerimônia do *adventus* está intimamente relacionada com o que as pessoas pensavam daquele que os estavam visitando, geralmente um governante ou outra pessoa de grande prestígio. A recepção destas figuras importantes, seja nas províncias mais distantes do centro político seja em Roma, era um acontecimento público e de grande pompa. Seu teor panegírico era evidente e esta recepção era cuidadosamente organizada pelos habitantes das províncias, caso contrário, poderia falhar em suas intenções e inverter o teor elegíaco da cerimônia. O *adventus* funcionava ao Príncipe tanto como uma forma de obter prestígio pessoal quanto para averiguar pessoalmente a administração das províncias mais distantes. Outra característica importante do *adventus* é sua conotação religiosa, sendo os imperadores recebidos como verdadeiros salvadores e benfeitores. Durante o período do Principado se tornou uma exclusividade dos Príncipes e já no IV século a visita dos Imperadores era considerada a manifestação de um *deus praesens* (*adventus divi*) (1972: 751-752).

OBJETIVOS

A nossa intenção é interpretar de que forma os *adventi* corroboram, articulam e nos possibilitam, pela análise estrutural de seu funcionamento, compreender a formação de identidades específicas reconhecendo os papéis sociais desempenhados por cada um durante esta cerimônia. Segundo Stuart Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas imergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma (...) mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (2009: 109).

Isso fica evidente ao tentarmos construir identidades no Império Romano. O que a historiografia denomina comumente de sociedade romana é apenas uma generalização, para todo o Império, de uma realidade sociocultural que fosse válida, talvez, somente para Roma (GUARINELLO, 2006: 16). Trata-se de um problema já evidenciado por Guarinello (2000) sobre as limitações quanto às formas de representação do passado. Devemos ter a consciência de que estas formas são arbitrárias e manuseá-las de maneira tal que não deslizem nem para o reducionismo nem à generalização.

METODOLOGIA

Analisaremos, sob o arcabouço conceitual teórico já evidenciado, uma determinada festa pública romana, de caráter fundamentalmente político (como grande parte das festas romanas no período do Principado) e relatada de forma substancialmente satisfatória pelas fontes: o *adventus*.

Os vestígios que resistiram aos desgastes do tempo e que pudemos ter acesso não são inteligíveis nem nos falam nada se não são questionados. Encadeá-los de forma cronológica não é fazer história. Isto poderia ser feito, evidentemente, por qualquer máquina esperta dos dias atuais. Se por um lado o historiador mais teórico e soberbo peca pelo excesso retórico (o termo preciso seria prolixo) na tentativa de a tudo fundamentar caindo num *ad infinitum* de fundamentações que nada explicam, por outro, o factualista indiferente (ou alérgico) à teoria peca pelo teor visivelmente enciclopédico (chato e sem identidade, ao bem da verdade) de sua produção.

Nos valeremos, então, principalmente da obra de Herodiano *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, onde suas especificidades nos auxiliam a compreender questões sob um ponto de vista complementar e, por vezes, discrepante de Dion Cássio em sua famosa obra *História Romana*. Por se tratar de historiadores que viveram e escreveram sobre a própria época em que viveram são de grande valia para o deserto historiográfico do século III, e suas ambigüidades antes de desconcertar a investigação, devem ser entendidas como enriquecedoras da produção histórica.

Ao todo, temos um recorte cronológico que se estende de 193 d.C. até 215 d.C.⁵ Iniciando no reinado de Septímio Severo (193-211), passando pelo reinado conjunto de Caracala e Geta (211-212) até a visita de de Caracala à Alexandria (215). Analisaremos e narraremos cinco *adventus*, evidenciando suas características comuns e suas especificidades: os *adventi* de Septímio Severo em Roma nos anos de 193, 197 e 202; o de Caracala e Geta em 211 e o de Caracala em Alexandria em 215.

RESULTADOS

Segundo Dion Cássio, o *adventus* de Septímio Severo em Roma, em 193, foi um espetáculo marcante.

Depois de ter feito isso [o desarmamento dos Pretorianos], Severo entrou em Roma. Ele avançou pelos portões montado a cavalo e com a roupa da cavalaria, mas ele trocou sua vestimenta para um traje civil e prosseguiu a pé, e o exército, tanto a infantaria quanto a cavalaria, acompanhavam-no totalmente armados. Este espetáculo foi o mais brilhante que eu testemunhei. A cidade foi toda adornada com guirlandas de flores e ramos de louros e adornada com vários materiais coloridos, e foram acesas tochas e queimados incensos. Os cidadãos vestiram roupas brancas e tinham os semblantes radiantes, gritando os bons augúrios que precediam Severo. Os soldados também distinguiam-se de forma proeminente em suas armas como se desfilassem numa procissão festiva. E finalmente nós senadores caminhávamos com magnificência (LXXV, 1.3).

Podemos notar pelo relato de Dion Cássio uma certa ordem cerimonial e uma preparação antecipando a entrada de Septímio. Além disso, uma estrutura espacial pode ser notada: Severo era seguido por seu exército e, por fim, “nós senadores caminhávamos com magnificência”. Ou seja, o espaço desta festividade era organizado de tal forma que se evidencie o papel de cada um dos atores políticos durante a caminhada rumo ao fórum. A cidade conhecia, assim, uma verdadeira representação do poder. A plebe participa de tal festividade “gritando os bons augúrios” ao protagonista desta cerimônia: Septímio Severo.

Segundo Gregory S. Aldrete, as *ovationes* eram usadas para atingir três objetivos básicos: apoiar, criticar ou pedir algo ao Príncipe, o que garantia a este a divulgação e a demonstração pública de sua legitimidade, funcionando como um termômetro de sua popularidade (apud. GONÇALVES 2008: 55).

O relato de Herodiano nos possibilita encadear os acontecimentos em uma cerimônia deste tipo, além de demonstrar a interessante junção entre obrigações religiosas e caráter político no *adventus*:

⁵ Todas as datações deste artigo são d.C. Portanto, irei me abster de especificá-las daqui pra frente.

Severo chegou em Roma com todo o resto de seu exército carregado em armas, (...) e o povo e o senado correram a recebê-lo com coroas de louros; (...) Então, depois de receber o povo com aclamações e de saudar o senado às portas da cidade, subiu ao templo de Júpiter, onde ofereceu sacrifícios; a continuação obteve também auspícios favoráveis em outros templos, segundo o costume imperial, e, finalmente, se dirigiu ao palácio (Herod. II.14.1-4).

Ainda segundo Herodiano, no dia seguinte (provavelmente em 10 de junho de 193) Septímio Severo discursa ao senado se colocando como vingador de Pertinax, morto pelos pretorianos, e que seguirá um governo aos moldes do de Marco Aurélio (que Herodiano o tem como seu *Optimus Princeps*). Severo passou pouco tempo em Roma, e logo partiu para uma nova empreitada, agora contra Pescênio Nigro e Clódio Albino.

O segundo *adventus* de Septímio Severo na cidade de Roma ocorre em 197, depois de derrotar Clódio Albino e Pescênio Nigro. Segundo Herodiano:

Realizou a marcha em grande velocidade, como era seu costume, e irritado com os amigos de Albino que todavia queixavam, entrou em Roma. O povo, carregando ramos de louros, o recebeu com todas as honras e vivas, e o senado o saudou; a maioria [dos senadores] estavam completamente atemorizados porque acreditavam que Severo não os perdoaria por ser um inimigo de temperamento difícil e a quem bastava um pequeno pretexto para causar prejuízo. E então parecia contar com motivos bem fundados. Depois de subir ao templo de Júpiter e cumprir os restantes ritos, Severo se dirigiu ao palácio imperial e ofereceu ao povo um esplêndido repartido de dinheiro em comemoração de suas vitórias (Herod. III.8.3-4).

Novamente podemos notar um processo estruturado da cerimônia, além disso, Herodiano relata uma *congiaria*. Em 202, quando Septímio Severo retorna de sua vitória contra os partos, novamente se valerá de um repartido de dinheiro que impressiona tanto Dion Cássio, quanto Herodiano. Segundo Fergus Millar (apud. Gonçalves, 2008: 57) a distribuição de moedas para a plebe em 202 equivaleu a um quarto dos ganhos anuais do Estado romano, demonstrando a importância política e econômica desta distribuição no início das *decennalías*. Segundo nossos historiadores:

Depois de concluir com êxito a campanha do Oriente, Severo se pôs em marcha apressada para Roma com seus filhos, que já estavam na idade da adolescência. No caminho atendeu aos assuntos das províncias, segundo as circunstâncias de cada caso, e visitou os exércitos da Mésia e da Panônia. Assim que chegou a Roma, foi recebido em triunfo pelo povo romano com aclamações e pompa extraordinária. Ele ofereceu sacrifícios e dedicou ao povo festas com jogos e espetáculos. Efetuou, da mesma maneira, uma generosa distribuição de dinheiro e pagou jogos triunfais (Herod. III.10.1-2).

Na ocasião do décimo aniversário de sua ascensão ao poder, Severo presenteou o conjunto daqueles que se beneficiavam das distribuições de trigo [a plebe frumentária] e os soldados da Guarda Pretoriana com moedas de ouro em igual

número aos anos de seu reinado. Ele vangloriou-se de sua generosidade, e, de fato, nenhum Imperador anterior tinha gasto tanto dinheiro com a população. Estima-se que gastou no total duzentos milhões de sestércios [cinquenta milhões de dracmas] (Dion Cássio, LXXVII, 1.1).

Septímio Severo, depois da vitória sobre os partos, comemora o *adventus* e, ato seguido, a *decennalia*, os Jogos Seculares e o seu Triunfo militar (não pode, no entanto, permanecer de pé na procissão pois já sofria demasiadamente de gota). Deste modo, Severo aproveitou a ocasião para comemorar da forma mais pública possível a sua Fortuna.

Por enquanto podemos perceber o alto grau de teatralização destas festividades, de uma organização e preparação que as antecedem e da participação de quatro diferentes atores políticos: a plebe romana, o Imperador, o exército e o senado. Notamos como cada um possui o seu papel e seu espaço específico. O exército se põe ao lado do Imperador, que recebe as *ovationes* como um termômetro de sua popularidade e, logo, de sua legitimidade; os senadores seguem pelo cortejo participando ativamente no campo simbólico desta festividade, apresentando-se com magnificência. A plebe participa desde a preparação da festividade até procissão pelas ruas da cidade. Em outras palavras, a plebe é espectador e ator.

É certo que esta estruturação não dá conta da heterogeneidade dos atores políticos do período abordado⁶, no entanto, é importante percebermos que tanto nos relatos de Herodiano quanto no de Dion Cássio o que se evidencia é a unidade construída nestas festas, sem no entanto significar homogeneidade identitária, pois os papéis desempenhados por cada um dos participantes seguem distintamente apresentados.

Na cerimônia do *adventus* passava-se a imagem do *consensus omnium* ideal, fundamental para legitimar o governante, pois participavam da mesma alegria pela chegada do soberano pobres e ricos, senadores e plebeus, civis e militares. Tratava-se de um esplêndido teatro, no qual o Imperador estabelecia relações de troca com os homens e com os deuses. Com os homens, pelos benefícios que concedia após a acolhida; com os deuses, pelos sacrifícios que realizava ao longo da recepção (MACCORMACK apud. GONÇALVES, 2008: 54)

Quando Caracala e Geta retornavam com os restos funerários de seu pai falecido em York (*Eburacum*), local em que morreu durante a campanha da Bretanha, foram recebidos pela cidade de Roma que, seguindo ao *adventus* conjunto (Herod. IV.1.3-5), transcorreu o funeral público de Severo e, por fim, sua *apoteose* (Herod. IV.2).

⁶ A. T. M. Gonçalves em sua dissertação de mestrado (1996) enfoca, no período Severiano, seis grupos sociais heterogêneos em si e em relação aos demais, mas sendo cada um destes grupos assim estruturados pela forma que desempenham a sua participação como forças políticas de oposição. São eles: os senadores, éqüites, exército (subdividido em legionários e Pretorianos), os provinciais, a plebe urbana de Roma e os elementos formadores da corte imperial.

O *adventus* de Caracala em Alexandria

Após eliminar seu irmão, Caracala viaja em visita pelas províncias do Império se inteirando dos aspectos administrativos e avaliando a sua popularidade. Em cada uma destas localidades visitadas ocorria um *adventus*. Entre todas as festividades em honra à visita do Imperador, a que possuímos o melhor relato é a visita de Caracala à cidade de Alexandria em setembro de 215. O relato de Herodiano impressiona pelos detalhes, fato pelo qual alguns pesquisadores deduzem que o mesmo estivera presente no ocorrido ou que fosse natural de lá (ESBARRANCH, 1985: 21; nota 341: 230). Já Filippo Cássola, tradutor da obra em italiano, não acredita nesta possibilidade, pois acredita que tal fato histórico não poderia deixar ser descrito com certo arrepio e comoção (1967: 7-8). Vamos a um breve excerto deste relato primoroso que podemos considerar exemplar para o estudo do *adventus*:

[Caracala] Ordenou, portanto, que se preparassem solenes sacrifícios de reses e oferendas de todo tipo em honra ao herói [Alexandre]. Tão pronto estas notícias chegaram às pessoas de Alexandria, povo naturalmente irreflexivo e facilmente influenciável, acharam-se gratamente surpreendidos ao perceberem o extraordinário afeto do imperador. Lhes prepararam, em seguida uma recepção como jamais – diziam – se havia tributado a um imperador. Havia instrumentos musicais de todos os tipos que executavam um variado concerto. Fragrâncias de todo tipo de perfumes e incensos invadiam as entradas da cidade. Honraram a procissão do imperador com tochas e chuva de flores. Assim que entrou na cidade com todo o exército, se dirigiu ao templo, onde realizou muitos sacrifícios e cobriu os altares de incenso. Dali marchou para a tumba de Alexandre; se despiu de sua manta de púrpura, seus anéis de pedras preciosas, seu cinturão e tudo que levava de valor e depositou sobre o sepulcro do herói (IV.8.7-9).

Percebemos neste excerto a importância que as províncias concediam à visita do Imperador. Este, como em todos os relatos, nunca desfazia da companhia de seu exército nem das obrigações religiosas desta cerimônia. As pessoas da província, em geral, honravam o afeto que Caracala lhes destinava com uma recepção suntuosa. Segundo Dion Cássio “todos os cidadãos importantes chegaram com alguns símbolos místicos e sagrados, ele [Caracala] cumprimentou-os como se pretendesse entretê-los em um banquete e depois lhes deu a morte” (LXXVIII, 22). Mas ainda não chegamos ao ponto em que as mortes começaram. Continuando com o relato de Herodiano:

Ao ver isto, o povo se alegrou sobremaneira e passou toda a noite celebrando sem conhecer o oculto desígnio do imperador. Todas aquelas manifestações eram, com efeito, uma hipocrisia de Antonino [Caracala], pois sua verdadeira intenção era acabar com um bom número deles (...) os alexandrinos zombavam dele com frequência (...) imaginaram portanto numerosas burlas sobre o imperador, que faziam referência ao assassinato de seu irmão e a sua velha mãe, a que chamavam de Iocasta, e o ridicularizavam também pois, sendo um homem pequeno, queria imitar

a Alexandre e Aquiles, que eram heróis muito fortes e de grande estatura. Ainda que os Alexandrinos não lhes dessem maior importância, todas aquelas piadas forçaram Antonino, cujo temperamento era colérico e sanguinário, a tramar contra estes um plano pérfido (Herod. IV.9.1-3).

Esta explicação sobre as causas que fizeram Caracala planejar um massacre em Alexandria corrobora com a visão de Dion Cássio:

Antonino [Caracala], apesar de declarar que nutria um grande amor por Alexandre, destruiu toda a população da cidade de Alexandria. Ouvindo o que se falava sobre a sua pessoa, ridicularizada por diversas formas e não menos importante de todas, por ter assassinado seu irmão, partiu para Alexandria, escondendo a sua indignação e fingindo estar ansioso há muito para conhecê-la (LXXVIII, 22).

No entanto, é mais compreensível que este ódio de Caracala pelos Alexandrinos esteja ligado à disputa, num passado não muito distante do contexto abordado, entre Caracala e Geta e a tentativa de divisão do Império. Caracala ficaria com a Europa e Geta com a Ásia. A capital da parte de Caracala seria Roma e de Geta, “exatamente e não por acaso” seria Alexandria. É evidente então que a intenção de Caracala não era somente abafar boatos, chistes e possíveis expressões sociais da plebe urbana em grafites, mas uma continuação de sua “forma profilática de debelar a força adversária”. Assim como seu pai fizera após derrotar Pescênio Nigro e Clódio Albino, Caracala procurou eliminar os possíveis futuros adversários na cidade de Alexandria que antes apoiavam a Geta (GONÇALVES, 1996: 25;181). Dion Cássio apresenta uma carta em que Caracala enviou ao senado afirmando “que não tinha nenhum interesse em quem ou quantos deles [alexandrinos] tinham morrido, pois todos mereciam sofrer este destino” (LXXVIII, 22). Nota-se, portanto, que estes chistes não poderiam conter tal preocupação por Caracala, haja visto que a sua recepção fora muito bem preparada e a província em peso agradeceu a sua presença e o ovacionou.

Ainda segundo Herodiano, assim que Caracala se juntou à festa, e viu que uma grande multidão vinda de todas as regiões se encontrava presente, ordenou que todos os jovens se reunissem em um terreno aberto pois formaria uma falange em honra de Alexandre, assim como já tinha formado uma com o nome de macedônica e outra com o nome de espartana - Dion Cássio nos diz que a falange macedônica de Caracala era composta por mais de 16 mil homens (LXXVIII, 7). Depois de reunida uma grande multidão de jovens acompanhados de seus pais e irmãos, ou seja, uma grande parcela da população masculina da cidade de Alexandria, foi ordenado que os soldados iniciassem a matança:

A um sinal, os soldados se lançaram de todos os lados sobre a juventude que haviam cercado e sobre todos os que se encontravam ali por qualquer outro motivo. Os

aniquilaram em uma atroz carnificina, já que eram soldados armados que haviam encurralado completamente as pessoas sem armas. Enquanto uns soldados executavam a matança, outros, fora do cerco, escavavam enormes fossas; arrastavam logo os caídos e os rolavam a estas até deixá-las cheias de corpos. Por fim, os cobriam de terra e levantavam rapidamente um ingente túmulo comum. Muitos homens ainda com vida foram arrastados, e homens todavia ilesos foram empurrados com os demais. Inclusive uns poucos soldados perderam sua vida, pois todos os que estavam vivos e em plenas faculdades, sendo empurrados se abraçavam aos soldados e os precipitavam consigo. Tão grande foi a matança que a desembocadura do Nilo – que ocupava um enorme extensão – e a costa que cerca a cidade ficaram completamente tingidas de roxo por causa das correntes de sangue que fluíam através da correnteza (Herod. IV.9.6-8).

Depois de sua visita à Alexandria, Caracala se dirigiu ao reino dos “bárbaros” partos, cujo rei era Artabano, e protagonizou mais um morticínio. Em seguida enviou uma carta ao senado anunciando-lhes que o Oriente havia sido submetido e que todo o reino situado ao leste da Mesopotâmia reconhecia sua autoridade. Caracala se deteve na Mesopotâmia, entretendo-se com corridas e caças de todo tipo de animais selvagens (IV.10-11). Em 8 de abril de 217 uma conjuração tramada por Macrino alcança o seu intento. Tanto Herodiano quanto Dion Cássio relatam que Caracala fora assassinado por um soldado, Julio Marcial, enquanto se aliviava de uma dor no ventre (Herod. IV.13.5; Dion Cássio LXXVIII, 6).

DISCUSSÃO

A ideia mais corrente sobre festividades ainda parece ser a questionada por Durval Muniz (2004: 79) no início deste artigo. Segundo Lobato citando Jean Duvignaud:

Para Duvignaud a festa estaria contemplada nesse *savoir faire* que destrói a aparente normalidade da vida coletiva, pois quebra com a seqüência do cotidiano instaurando o que sabiamente denominou “subversão exaltante” (...). Estaria na essência da festa a capacidade de despertar e animar os sentidos. Nela o participante perde o domínio da percepção e imerge no terreno das “dimensões ocultas” (...) As “dimensões ocultas” são dimensões da existência que deixam de corresponder às conformações tradicionais ou às configurações estabelecidas do espaço cotidiano e em geral contestam e destroem tais formas (LOBATO, 2008: 13-14).

Gonçalves corrobora com a visão de Durval Muniz, apresentando um breve levantamento de como historiadores e antropólogos têm trabalhado com o objeto “festa”:

Festa é vista como um ato coletivo, ritual, em que acontecem inversões, subversões, por vezes, a instauração do caos, marcado principalmente pela alegria. Os momentos estudados são muitas vezes marcados pela carnavalização social, pelo descarrego de tensões reprimidas, pela êxtase, pela suspensão da ordem (2008: 27).

Em nenhum *adventus* estudado encontramos algo que se possa aproximar do conceito de “subversão exaltante” apresentado por Duvignaud. Pelo contrário, as festas abordadas

mostram que funcionavam como mecanismos políticos tanto para reavivar quanto para criar e manter o sistema de símbolos os quais regiam as articulações sociais capazes de propagar o *consensus omnium* ideal. Segundo Balandier, “a ordem e a desordem da sociedade são como o verso e o anverso de uma moeda. Esta inversão da ordem não é sua derrubada, (...) ela faz a ordem com a desordem” (1980:41). Ou seja, a suspensão da ordem não é nada mais que diferentes papéis sendo desempenhados por atores sociais que buscam a afirmação de suas práticas. Notadamente, o que hoje é subversão amanhã pode não ser, e vice-versa. Muito, não por acaso, destas construções identitárias são formadas pela prática histórica. Segundo Guarinello, “a história, usando a memória, tem o poder de criar, refazer ou destruir identidades sociais” (apud. GONÇALVES, 1996: 102).

As expressões “teatralização do poder”, “papéis sociais”, e “atores políticos” que permearam este artigo não é mera retórica infundada. Segundo Georges Balandier:

Por trás de todas as formas de arranjo da sociedade e de organização dos poderes encontra-se, sempre presente, governando dos bastidores, a “teatrocracia”. Ela regula a vida cotidiana dos homens em coletividade. (...) monta um tribunal teatral para todas as manifestações da existência social, notadamente as do poder: os atores políticos devem “pagar seu tributo cotidiano à teatralidade” (1980: 5).

O poder que o Imperador detinha em suas mãos não é sinônimo de atuação política absoluta. Fica evidente no relato dos *adventus* a participação que outros grupos unidos por interesses comuns desempenhavam politicamente. Mesmo a necessidade do Imperador visitar as cidades pode ser vista, como mostramos, uma forma de propagação e constante legitimação de seu status, uma forma de publicidade, uma forma de se construir sua identidade.

Além disso, percebemos um procedimento padrão nos *adventi*: primeiro o Príncipe fazia saber de sua visita à cidade. Em seguida, a província se organizava para recebê-lo enfeitando as ruas e as casas, e preparando um espaço para que os diferentes personagens do poder desempenhassem seus papéis com o máximo de glamour que se poderia contar, o poder tem de se mostrar espetacular. A procissão segue pelas ruas recebendo as *ovationes* da população com ramos de louro. Outra característica é o exército sempre junto ao Príncipe, este apresentando-se desarmado, mas com o exército sempre à postos. Em Roma, participava também da procissão os senadores, desfilando logo atrás de todos e, nas províncias, as figuras mais importantes eram os primeiros a receber o Príncipe. A procissão seguia o caminho que levava o Príncipe a algum templo em que pudesse realizar suas obrigações religiosas. As comemorações podiam se estender noite inteira, mas a cerimônia era demarcada passo a passo. Em Roma, o cerimonial não terminava com as obrigações religiosas, sendo devido ao

imperador retribuir os cumprimentos dos senadores e somente depois se dirigia ao palácio imperial (*Domus Aurea*).

Podemos notar que o *adventus* é um espetáculo bem entrosado. A plebe de Alexandria, por exemplo, não nutria grande apreço por Caracala, da mesma forma, o senado se encontrava temeroso com Septímio Severo em 197. No entanto, Alexandria organizou uma tremenda recepção para Caracala e da mesma forma Roma para Severo. Isso não quer dizer, no entanto, que a plebe fosse muda ou acéfala. Segundo Gonçalves:

No período severiano, a plebe nunca chegou a agir para derrubar um imperador, mas a preocupação que todos os imperadores deste período tiveram em deixá-la satisfeita indica que ela ainda tinha algum poder político (...) dizer que a plebe urbana de Roma não consegue agir para fazer ou desfazer soberanos, não quer dizer que ela não se agite e demonstre os seus pontos de vista, quase sempre agindo coletivamente (2000: 4).

Já para Paul Veyne, a plebe romana era uma coletividade que não passava de uma ficção, de uma ideologia, “pode-se concluir, portanto, com Tácito, que o principado erguia-se numa ilusão”, o Imperador era “Todo-poderoso” e a ideia de uma oposição ao poder leal e legítima era impensável em Roma. “Havia algo de podre no universo senatorial, desprovido de qualquer ética ou moral”. Ainda segundo Veyne, sob a concepção romana de *imperium*, cabia à coletividade atribuir-se um chefe mas, uma vez designado, as pessoas se calavam e obedeciam a ele. A vida política no Império era superficial, sumária e fragmentada (2009:1-35).

Norberto Guarinello e Fábio Duarte Joly, por outro lado, discordam de Veyne em um artigo chamado *Ética e ambigüidade no Principado de Nero*.

Não há uma ética, mas éticas (...) não há um padrão ético universal que nos permita julgar outros padrões ou éticas como bons ou maus (...). Predomina, em nosso senso comum a ideia de que o governo dos imperadores de Roma exercia-se sobre uma sociedade decadente, apática, viciada, sujeita aos desmandos pessoais, aos caprichos e mesmo à loucura desvairada de tiranos absolutos e sem limites. Mas essa visão é, na verdade, um mito que cultivamos sem criticar (...) a nosso ver, simplista e inaceitável. As fontes disponíveis e até mesmo Tácito, deixam entrever a existência de um espaço público efetivo, ao qual se apresentavam demandas concretas e coletivas, através de um jogo político complexo, do qual participavam, com diferente intensidade grupos diversos, cada qual com seus próprio objetivos e metas (...) fins desejáveis e suas éticas (2001: 133-137).

Essa concepção de Paul Veyne é, de fato, bem diferente da que encontramos nas nossas fontes. Nossos resultados mostraram como a plebe romana, a plebe provincial, o senado, o Imperador e o exército desempenhavam papéis sociais nestas festividades,

afirmando para si e para os outros atores sociais, em um jogo de exclusão/inclusão, a afirmação e, portanto a formação de suas identidades. Os Reis são feitos, nos diz Balandier (1972:16), logo, não se pode compreender uma prática política que não se legitime se relacionando com sua alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relacionamos o tema “festa” com a construção de identidades buscando nas práticas sociais a afirmação de identidades. Focamos em uma comemoração: os *adventi*. A forma que se apresenta, seus preparativos, os aspectos religiosos e profanos amalgamados no exercício do poder, sua contextualização. Tivemos a possibilidade de analisarmos a plebe da cidade de Roma e da província de Alexandria como um dos atores políticos e não mais como sujeito amorfo e passivo neste universo de representações.

Por fim, este outro ao ser inquirido “quem és?” pode nos responder não somente sobre si mesmo, mas também ampliar o conhecimento sobre quem somos nos respondendo muitas questões e dando vida a outras. Todo este conhecimento fascina, deleita, engrandece e transforma. Marrou é perfeito em sua assertiva: “para quem não tem a alma pequena e vil, a experiência da história é de uma grandeza que nos aniquila” (1978: 81).

REFERÊNCIAS

Fontes

Dio's Rome. Transl. by Herbert Baldwin Foster. New York: Pafraets book, 1906. vol. 6.

Dio's Roman History. Transl. by Earnest Cary. London: William Heinemann LTD, 1961. v. 9.

ERODIANO, *Storia dell'Impero Romano dopo Marco Aurélio*. Testo e versione di Filippo Cássola. Firenze: Sansoni, 1967.

HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.

HÉRODIEN. *Histoire de l'Empire Romain après Marc-Aurèle*. Traduit et commenté par Denis Roques. Paris: Less Belles Lettres, 1990.

Obras gerais

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. In: *Anos 90*, v. 11, n. 19/20. Porto Alegre: UFRGS/PPGH. 2004. p 79-100

- CALDAS, P. S. P. A arquitetura da teoria: o complemento da trilogia de Jörn Rüsen. In: *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Uberlândia: NEHAC. vol. 5 nº 1, 2008. p 1-9.
- COUTO, E. S.; SANTOS F. R. Devoção e festa: Irmandade de São Bartolomeu em Maragogipe-Ba no processo de Romanização do Catolicismo Brasileiro. In: *XI Simpósio Nacional da ABHR: Sociabilidades Religiosas: mitos, ritos e identidades*. Goiânia: UFG, (Anais Eletrônicos), 2009.
- GONÇALVES, A. T. M. *A oposição aos Imperadores durante o período dos Severos: Uma análise da obra de Herodiano*. São Paulo: USP (Dissertação de mestrado), 1996.
- _____. As Festas em Roma. In: *Revista de Estudos do Norte Goiano*. Goiânia: UFG. vol. 1, n. 1, 2008. p 26-68.
- _____. Plebe Urbana de Roma e Grupos Provinciais no Período Severiano: o Testemunho de Herodiano. In: *Hélade*, Rio de Janeiro: UFRJ. v. 1, n. 1, 2000. p 1-11,
- GUARINELLO, N. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (orgs.). *Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001. v. 2, p. 969-975.
- _____. O Império e nós. In: SILVA, G. V; MENDES, N. M. (orgs.). *Repensando o Império romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: EDUFES, 2006. p 15-21.
- _____. Uma morfologia da história: as formas da História Antiga. In: *Politeia*, Vitória da Conquista, v.03, n.1, 2003, p. 41-62.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LOBATO, L (org.). Festa: Uma transgressão que revela e renova. In: _____. *Cadernos do GIPE-CIT. Festas*. Salvador/BA: UFBA/PPGAC. 2008.
- MACCORMACK, S. G. Change and Continuity in Late Antiquity: the Ceremony of Adventus. In: *Historia*. Wiesbaden, 21: 721-752,1972.
- MARROU, H-I. Sobre o conhecimento histórico. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- OMENA, L. M. A festa e o riso na narrativa apuleiana. In: *Revista fato&versões*. Uberlândia-MG: FCU, n.1, v.1, 2009. p. 4-14.
- RÜSEN, J. *Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UNB. 2001.
- VEYNE, P. *O Império greco-romano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p 01-35
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.